

MOTOR ECONÔMICO PARA O MUNDO

INFORME SETORIAL

A Índia pode ser um motor econômico para o mundo?

The Economist

O mundo precisa de mais esperança econômica. A guerra na Ucrânia provocou um golpe severo nas perspectivas de crescimento econômico global. Os lockdowns e a desaceleração da atividade imobiliária enfraqueceram a China, o antigo motor de crescimento da pujança do mundo. Dado o seu tamanho e potencial, parece razoável questionar se a Índia poderia ser o próximo motor econômico do mundo. Em abril, o Fundo Monetário Internacional (FMI) calculou que o PIB indiano poderia crescer mais de 8% este ano – sem dúvida o ritmo mais veloz entre os países grandes. Uma expansão tão rápida, se sustentada, teria um impacto profundo no mundo. Mas, em grande parte por conta da mudança na estrutura da economia global, as coisas não são tão simples para a Índia herdar a posição da China.

Nos anos 2000, a China era responsável por quase um terço do crescimento global – mais do que os Estados Unidos e a União Europeia juntos –, adicionando nova capacidade produtiva, a cada ano, equivalente à produção atual da Áustria. Na década de 2010, a contribuição do país quase dobrou, de modo que cada ano de crescimento valia como mais uma Suíça.

Da virada do milênio às vésperas da pandemia, a China se tornou o maior consumidor da maioria das principais commodities (matérias-primas cotadas em dólar) do mundo e sua participação nas exportações globais de mercadorias aumentou de 4% para 13%.

A Índia poderia repetir tamanhas façanhas? Trata-se da sexta maior economia do mundo – como a China era em 2000. E sua produção hoje está em grande medida onde estava a da China duas décadas atrás. Pequim continuou a lidar com uma taxa média de crescimento anual de cerca de 9%. A Índia cresceu pouco menos de 7% ao ano durante o mesmo período. No entanto, o país poderia ter tido um desempenho melhor, não fosse por erros de política – como a decisão chocante do primeiro ministro Narendra Modi de tirar de circulação algumas notas em 2016 – e vulnerabilidades macroeconômicas, entre elas um setor financeiro sobrecarregado.

O governo talvez tenha aprendido com os erros políticos, e tanto os formuladores de políticas quanto os bancos vêm trabalhando para solucionar o segundo ponto. Antes da guerra na Ucrânia, o FMI calculava que a Índia poderia crescer 9% este ano. Alguns otimistas defendem que, nas circunstâncias certas, a Índia poderia administrar essas taxas de forma contínua.

Um olhar mais atento, entretanto, sugere que a Índia não é um substituto da China. Um problema é que a economia mundial é muito maior do que costumava ser, tanto que um crescimento como este do PIB da Índia aumenta menos o crescimento global. Um crescimento anual de 9% mantido melhoraria bastante a vida dos indianos e alteraria de forma significativa o equilíbrio do poder econômico e político no mundo. Mas isso não significaria que a economia mundial giraria em torno da Índia como aconteceu com a China nas últimas duas décadas. A contribuição da Índia para o crescimento global continuaria menor do que a dos Estados Unidos e a da Europa juntas, por exemplo.

Talvez mais relevante, as condições econômicas globais podem ser consideravelmente mais hostis do que aquelas que permitiram a ascensão da China. De 1995 a 2008, o peso do comércio mundial subiu de 17% do PIB global para 25%. A porcentagem das exportações de mercadorias presentes nas cadeias globais de valor subiu de cerca de 44% das exportações mundiais para 52%. A China estava na vanguarda de ambas as tendências. Foi o país mais dominante no comércio desde a

Grã-Bretanha Imperial, de acordo com uma análise de “hiperglobalização” publicada em 2013 por Arvind Subramanian, da Universidade Brown, e Martin Kessler, economista da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

A Índia, por outro lado, é peixe pequeno no setor. Às vésperas da pandemia, representava menos de 2% das exportações globais de mercadorias. O país espera aumentar essa porcentagem investindo em infraestrutura, oferecendo subsídios públicos aos fabricantes e negociando acordos comerciais com entusiasmo fora do comum. Mas os tempos mudaram. O comércio mundial caiu como parte do PIB global desde o início dos anos 2010. O nacionalismo econômico poderia impedir uma recuperação. Contudo, a Índia talvez espere aumentar suas exportações conquistando participação no mercado de outras economias – inclusive na China. Mas as empresas e os governos que antes estavam dispostos a depender fortemente de Pequim em nome da eficiência se tornaram mais cautelosos. A relutância deles em se tornarem dependentes demais de qualquer fonte de suprimentos poderia atrapalhar as ambições da Índia.

Dominar as cadeias de suprimentos globais talvez não seja o único caminho para a influência econômica. A Índia é um avançado exportador de tecnologia e de serviços para as empresas; embora seu PIB seja apenas um sexto do da China, suas exportações de serviços ficam apenas um pouco atrás das de Pequim.

Pesquisa publicada em 2020 por Richard Baldwin, do Instituto Superior, em Genebra, e Rikard Forslid, da Universidade de Estocolmo, defende que a mudança tecnológica está ampliando a gama de serviços exportáveis e oferecendo mais oportunidades para trabalhadores de países pobres competirem com trabalhadores de serviços no mundo rico. Mas, embora a tecnologia e os serviços para empresas possam continuar a prosperar na Índia, a expansão deles talvez seja limitada por um sistema educacional inadequado, que se sai bem no número de matriculados, entretanto não nos resultados de aprendizagem, e pela natureza protecionista dos setores de serviços do mundo rico, que talvez esteja mais protegida contra a concorrência estrangeira do que os trabalhadores industriais contra as importações chinesas.

Mesmo que a Índia dê conta de uma taxa de crescimento mais próxima de 6% do que de 9%, o resultado não seria nada desprezível. Isso tornaria a Índia a terceira maior economia do mundo em meados da década de 2030. Nessa altura, ela contribuiria mais para o PIB global a cada ano do que Reino Unido, Alemanha e Japão juntos.

A demanda indiana por recursos, então, impulsionaria os preços das commodities; seus mercados de capitais encantariam investidores estrangeiros. Uma população grande que fala inglês e um sistema político democrático, se a Índia puder mantê-lo, talvez permitam que as exportações de tecnologia e de cultura indianas exerçam mais influência global do que a China conseguiu em níveis de renda semelhantes.

Mas, até lá, o mundo já terá reconhecido, caso não o tenha feito ainda, que a ascensão da China foi um acontecimento único. O crescimento indiano mudará o mundo. Mas não se deve esperar, nem temer, uma reprise da experiência chinesa.

Núcleo de Inteligência – ADECE/SEDET

Edição 464 – Em 26 de maio de 2022

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.